

ASSIMILAÇÃO = MORTE



Artigo baseado em roteiro no Assimilação = Morte. O vídeo e o zine e outros materiais estão disponíveis para download em nosso site:

ANTIMÍDIA.ORG

Este é um conteúdo livre de direitos autorais.

Leia, copie, distribua.

Propriedade é roubo.



ASSIMILAÇÃO



MORTE

Em junho de 2024 a organização da parada do orgulho LGBT de São Paulo fez um chamado para que as pessoas comparecessem ao evento vestindo verde e amarelo e empunhando bandeiras do Brasil junto com bandeiras do arco-íris, numa retomada dos símbolos nacionais, que consideram “sequestrados” pela direita. Como se o Brasil não fosse, desde sua criação pelos invasores europeus, um projeto colonial imposto violentamente sobre as populações que habitam estas terras. A bandeira brasileira sempre representou os poderosos e os proprietários, a violência colonial, cristã, institucional, militar e policial.

BRASIL É UM PROJETO DE EXTERMÍNIO

O Estado Brasileiro serve e sempre serviu às elites, apesar de todo o teatro da democracia representativa que busca nos apaziguar. Como se a presença de políticos LGBTs no congresso mais evangélico, miliciano, policial e garimpeiro da história fosse melhorar nossas vidas.

Existem deputados negros no Congresso Nacional há mais de um século, mas o extermínio e encarceramento em massa do povo preto continuam crescendo. Uma mulher já foi presidente da república, mas o Estado ainda é uma estrutura patriarcal que dá mais importância a dogmas religiosos do que à autonomia reprodutiva. A representação política e o reconhecimento de direitos são migalhas que o Estado joga para nos

distrair e conferir legitimidade a um aparato de repressão e morte.

Esse é o verdadeiro significado da bandeira brasileira: a aniquilação da vida e daquilo que diverge. Ela é o oposto da diversidade. Representa uma unidade que apaga nossas diferenças em nome da identidade e unidade de um mítico "povo brasileiro", para assim nos homogeneizar, facilitando o controle e a repressão. O verde e o amarelo podem representar diversas identidades desde que se submetam à ordem imposta por polícias e exércitos, a serviço do Estado e do capital.

Essa bandeira é vermelha do sangue de pessoas indígenas, pretas, mulheres, PCDs, neurodivergentes, subversivas, pobres, presas, dissidentes de sexo e gênero e não-humanas. Vestir a camiseta da CBF é comemorar o hexacampeonato do Brasil como o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo.

QUANTO VALE NOSSO ORGULHO?

As primeiras paradas LGBT no Brasil na década de 1990 foram organizadas por dissidências sexuais e de gênero e aliadys. Contaram com a presença de anarcopunks na organização e autodefesa. A presença de militantes anti-Estado e anticapitalistas demonstra o potencial disruptivo da política sexo-



Anarcopunks presentes na Parada LGBT de São Paulo.

gênero. Da mesma forma, seu afastamento quando a Parada cresceu e aliou-se a capitalistas, indica a cooptação do movimento LGBT pelo modo hegemônico de fazer política e de existir na democracia neoliberal brasileira.

Atualmente a organização da Parada LGBT não hesita em aliar-se com as corporações responsáveis pela destruição da vida e do planeta. Diversas marcas tentam projetar uma imagem de aliadas da diversidade, mas promovem a destruição ambiental ligada ao genocídio indígena¹. E são inclusive investigadas de se beneficiarem de trabalho escravo, como o grupo Heineken, proprietário da Amstel, cerveja oficial da Parada LGBT de São Paulo².

As corporações multinacionais Pepsico e a L'Oreal³, patrocinadoras do evento, apoiam política e economicamente o Estado genocida de Israel, enquanto este extermina o povo palestino. Deixando claro que essas empresas não valorizam as vidas LGBTQIA+ quando essas pertencem a um grupo de pessoas desumanizadas e consideradas descartáveis pelo capitalismo global.

Em relação aos patrocínios do Estado, vale lembrar que as polícias do governo de SP matam um número cada vez maior de pessoas. Só na operação para vingar a morte de um policial na baixada santista, assassinaram ao menos 56 pessoas. Em 2023, sob o governo Lula, as polícias brasileiras mataram 18 pessoas por dia, em sua maioria homens pretos e pobres. Enquanto isso a destruição ambiental mudou de foco: diminuiu na Amazônia e cresceu no Cerrado. Enquanto a violência extrema contra o povo Yanomami seguiu praticamente intacta. A suposta diversidade promovida pelos financiadores da Parada LGBT é manchada com o sangue de minorias desprezadas pelo sistema.

1. ONG americana diz que fornecedores do Burger King estão ligados a desmatamento: <https://epoca.oglobo.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2017/03/ong-americana-diz-que-fornecedores-do-burger-king-estao-ligados-ao-desmatamento.html>

2. Ambev e Heineken são autuadas por trabalho escravo de imigrantes venezuelanos em São Paulo: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-17/ambev-e-heineken-sao-autuadas-por-trabalho-escravo-de-imigrantes-venezuelanos-em-sao-paulo.html>

3. Lista de corporações que apoiam Israel: <https://www.brandedgirls.com/brands-that-support-israel/>

ESTE MUNDO ESTÁ DESMORONANDO, MAS POUCAS PESSOAS OUSAM ROMPER COM ELE.

A extrema-direita continua radicalizando sua cruzada contra tudo que ameaça a ordem colonial e capitalista. A derrota de Bolsonaro nas urnas pouco fez para barrar o fascismo, que não dá sinal de recuo. As florestas seguem em chamas, os rios se enchem de mercúrio e catástrofes ambientais são cada vez mais frequentes enquanto as armas e punhos dos policiais, milicianos, ruralistas e cidadãos de bem atualizam a violência colonial que recai sobre corpos dissidentes.

Enquanto isso, partidos de esquerda e movimentos sociais saem em defesa da democracia liberal e de suas instituições, que buscam gerir com maior ou menor sucesso.

Assim como outras lutas, as mobilizações das mulheres e da população LGBT foram em grande parte cooptadas e assimiladas. Ao invés da linguagem da revolta, falam de reconhecimento, inclusão, visibilidade e direitos. Ao invés de lutar pelo fim do Estado, da família heteronormativa, das fronteiras, polícias e prisões, lutam por um mundo em que essas ins-



Lateral de um dos caminhões de 26ª Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo.

tituições se tornem mais inclusivas e sensíveis às demandas e necessidades de uma lista cada vez maior de identidades.

A criminalização da lgbtphobia, que ocorreu em 2018 após a pressão de movimentos sociais, ilustra as contradições dessa lógica. Exigir políticas de Estado para a população LGBTQIA+ significa legitimar as instituições que reproduzem a violência responsável pela manutenção dessa ordem social, que todo dia marginaliza, mata e encarcera corpos racializados e dissidentes de gênero e sexualidade.

Buscamos que todys sofram igualmente sob o coturno do Estado e as ameaças do capitalismo? Ou buscamos liberdade?

As paradas do orgulho surgiram para celebrar a revolta de Stonewall contra a polícia por parte de dissidências de gênero e sexualidade, em Nova Iorque, nos chamados Estados Unidos. Hoje se transformaram em um festival corporativo organizado de forma empresarial numa aliança entre ONGs, artistas, políticos e corporações desprezíveis. A memória rebelde foi transformada em produto de consumo e plataforma eleitoral.

ASSIMILAÇÃO, NÃO! REVOLTA!

Se os holofotes estão apontados para a disputa entre uma direita neofascista e uma esquerda progressista e eleitoreira, ainda existe quem busca outro caminho. Queers revoltosys não querem "ressignificar" seus símbolos ou eleger políticas progressistas. Recusamos a posição de vítimas que exigem a proteção do Estado, e nos juntamos para forjar meios de viver e lutar por conta própria. Para nós, queer não é mais uma identidade a ser reconhecida e incluída ao lado de outras pelas instituições, e sim uma posição de conflito que luta pelo fim dessa ordem social.

Não queremos ocupar as instituições e aparatos que controlam nossas vidas e corpos e que mantêm as engrenagens do sistema girando. Queremos destruí-las e viver em nossos próprios termos. Chega de corporações lavando seus crimes com a bandeira do arco-íris; chega de ativistas cele-

brando empresários gays e policiais trans; chega de oportunistas utilizando a memória das revoltas do passado para promover candidaturas políticas e carreiras acadêmicas enquanto condenam as revoltas no presente.

Assimilação nesse contexto é assimilar-se à Heteronorma, a essa forma de vida “normal”, onde obedecemos a governos, produzimos para o capitalismo, reproduzimos os binarismos sacralizados e a família tradicional brasileira, à sombra da bandeira de um Estado que tem a morte como sua principal política.

Não somos um produto de mercado, não cabemos nas identidades normatizadas. Não seremos arrebanhadys para as urnas ou igrejas. Não cabemos nesta abstração chamada nação. Não abrimos mão de nossos desejos.

Queremos acabar com este mundo pra que muitos outros floresçam.



Participante do coletivo queer Toloposongo na Colômbia provoca policiais.

Em junho de 2024 a organização da parada do orgulho LGBT de São Paulo fez um chamado para que as pessoas comparecessem ao evento vestindo verde e amarelo e empunhando bandeiras do Brasil junto com bandeiras do arco-íris, numa retomada dos símbolos nacionais, que consideram “sequestrados” pela direita. Como se o Brasil não fosse, desde sua criação pelos invasores europeus, um projeto colonial imposto violentamente sobre as populações que habitam estas terras. A bandeira brasileira sempre representou os poderosos e os proprietários, a violência colonial, cristã, institucional, militar e policial.

Se os holofotes estão apontados para a disputa entre uma direita neofascista e uma esquerda progressista e eleitoreira, ainda existe quem busca outro caminho. Queers revoltoses não querem “ressignificar” seus símbolos ou eleger políticos progressistas. Recusamos a posição de vítimas que exigem a proteção do Estado, e nos juntamos para forjar meios de viver e lutar por conta própria. Para nós, queer não é mais uma identidade a ser reconhecida e incluída ao lado de outras pelas instituições, e sim uma posição de conflito que luta pelo fim